



PÓS GRADUAÇÃO: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS
Abordagens poética, literária e performática

**A UTILIZAÇÃO DE MÚSICAS NA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS E A INTERAÇÃO ENTRE
CONTADOR/OUVINTE**

ANA PAULA SILVEIRA PUPO

São Paulo – SP

2019

“Música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora de salas de concerto.”

John Cage

RESUMO

Acredito que as histórias são instrumentos por meio dos quais compartilhamos experiências e conselhos ao longo dos tempos. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a utilização de músicas durante as contações, enriquecendo-as de forma que os ouvintes não percam o fio da narrativa e guardem uma memória afetiva do que foi contado.

Desta forma, pretendo pensar sobre que músicas podemos utilizar para atingir este objetivo, trabalhando com as interpéries do mundo moderno: a poluição sonora e o ruído ambiental indiscriminado. Baseei-me em *Schafer* (2011) para discorrer sobre o tema proposto.

Percebo, durante as contações nas quais utilizo músicas, que há a necessidade de escuta e observação atentas do contador para descobertas de novas experiências sobre quando e como utilizar este recurso de forma significativa para a narrativa e para a plateia, conquistando os ouvintes cantando, analisando as relações entre contador/ouvinte, paisagem sonora e memória afetiva.

Palavras-chave: narração oral, paisagem sonora, música.

INTRODUÇÃO

A partir do contato com a diversidade de ambientes e plateias durante as contações, tenho a intenção, com esta pesquisa, de refletir sobre como encontrar um caminho para minimizar as interpéries do mundo moderno, melhorando a paisagem sonora, possibilitando uma abertura para a escuta atenta dos ouvintes.

Proponho a utilização de músicas como uma possibilidade, pois acredito que elas dão às histórias um colorido interessante, alegrando a narrativa. Nestes momentos há a participação da plateia: contador e ouvintes cantam e contam juntos. Elas concedem outro ritmo à narrativa porque fazem com que todos sejam atuantes neste movimento pulsante que é cada contação de história!

Pretendo, também, pensar em como sonorizar uma história com um enfoque positivo, convidando os ouvintes a participarem do que está sendo narrado, pensando em processos nos quais a história traga a música para seu contexto e, alternativamente, nos quais a música se transforma em história.

Acredito que haja a necessidade de uma escuta atenta para aprimoramento na utilização deste recurso. Penso que temos de abrir os ouvidos para os sons que já temos e não percebemos e para os que podemos criar. E como podemos criar e brincar com os sons!

Sou professora de Língua Inglesa do Ensino Fundamental I na rede municipal de Jundiaí desde 2004. Em 2015, recebi um convite para participar de um projeto de músicas, brincadeiras e contação de histórias chamado Brincalêlê, na Educação Infantil II, projeto o qual objetivava oferecer o espaço como terceiro educador, além de colocar a criança como centro do processo e criar possibilidades de ela brincar com o corpo, com os objetos, com a imaginação e a criatividade, com as palavras, com os elementos das histórias e das canções, oportunizando situações em que pudessem se expressar e se comunicar por meio da linguagem lúdica. Iniciei, contando histórias em português, sem músicas nem a participação dos ouvintes.

Em 2016, tive a felicidade de conhecer e iniciar a pós “A arte de contar histórias” oferecida no Polo – A Casa Tombada. Percebi, durante o curso, que a contação vai além de só ler e/ou contar, pois tive a oportunidade de conhecer outros recursos.

Apaixonei-me pela possibilidade de utilizar músicas nas histórias e, desde então, tenho estudado e praticado a utilização deste recurso para melhorar a paisagem sonora durante as contações.

Iniciei a contação de história com música, contando “Mário, o marinheiro”, no Parque da Água Branca, oportunidade fornecida pela parceria do Parque com A Casa Tombada. Foi a primeira contação que fiz fora da escola, sem saber qual seria a plateia. O espaço me proporcionou muitas experiências: contar fora do ambiente “escola”, local aberto sem saber quem seriam os ouvintes, se realmente teria ouvintes... Comecei a contar a história “Mário, o marinheiro” com sol. Durante a apresentação, começou a chover. Tive a sorte de ter um excelente mediador: Magno. Quando percebemos a chuva, saímos cantando “Marcha, soldado!” uma das músicas propostas para a história, e assim fomos cantando e marchando até um espaço coberto. A música proposta além de melhorar a paisagem sonora também possibilitou que a plateia não perdesse o fio da narrativa. Amei a possibilidade da improvisação. Improvisação com música.

As mais pedidas do meu repertório de histórias com músicas são: Mário, o marinheiro; Romeu e Julieta; A tartaruga e a fruta amarela; *The gingerbread man* e *The three little pigs*.

REFLETINDO SOBRE A NOVA PAISAGEM SONORA

Schafer (2011), com suas pesquisas, faz com que façamos uma reflexão sobre a nova paisagem sonora do mundo moderno pois, somente desta maneira, seremos capazes de solucionar os problemas da poluição sonora e do ruído ambiental indiscriminado, entendendo que paisagem sonora¹ é qualquer campo de estudo acústico (os sons ao nosso redor). Podemos nos referir a uma composição musical, a um programa de rádio ou um ambiente acústico. Esta paisagem sonora foi se modificando ao longo dos tempos. Partiu das primeiras paisagens sonoras (sons da natureza), para as pós-industriais com todos os seus barulhos e ruídos. Segundo Breton (2016):

O barulho é uma patologia do som, ele aparece quando o som perde sua dimensão de sentido e se impõe à maneira de uma agressão. É um valor sonoro negativo e insistente e força a atenção não obstante à vontade, provocando contrariedade. O sentimento de barulho expulsa o indivíduo de seu aconchego. A sensibilidade ao barulho é uma

¹ Tradução para *Soundscape*, neologismo criado pelo autor em 1977.

questão de circunstâncias, e principalmente da significação dada pelo indivíduo aos sons que ouve. (Breton, 2016, p. 146)

Observo que para lidar com os barulhos e ruídos, melhorando a paisagem sonora e a relação entre contador/ouvinte, a utilização de músicas no início ajuda a acalmar a plateia e trazer a sua atenção para a audição; durante ajuda como recurso poético de construção das imagens da história, possibilitando o resgate da atenção dos ouvintes que se dispersam e no final possibilita deixar uma memória afetiva do que foi contado. Desta forma este recurso já não é mais utilizado como simples floreio à narração, pois segundo Breton (2016):

A qualidade de presença entre os homens e o prazer em estar juntos encontram nas metáforas acústicas sua imagem privilegiada: estar em ressonância, em harmonia, ao diapásão, de acordo, ser todo ouvido, à escuta, prestar atenção etc. O mundo sonoro inscreve fisicamente a aliança entre si e os outros. Se ele é escolhido, favoravelmente acolhido, ele encarna a mediação que desfaz os obstáculos e possibilita o encontro. O barulho é sempre a destruição do vínculo social. (Breton, 2016, p.157 e p.158)

A pausa também é um recurso muito importante o qual às vezes negligenciamos. Penso que sempre podemos nos utilizar de músicas durante as contações, contudo é através da pausa que os ouvintes têm tempo para construir as situações descritas pelo contador; ela também ajuda a manter a atenção da plateia. Alguns ouvintes relatam que é durante as pausas que eles constroem o ambiente, as imagens, sentem os cheiros, materializam os sons e imaginam os personagens da história. Também relatam que, desta forma, passam a se sentir parte do que está sendo narrado e conseguem se imaginar “dentro” da história. Muitos gostam de compartilhar suas experiências pessoais, porque muitas vezes se identificam com a história narrada. Esta troca é muito rica e a contação de histórias passa a ser uma partilha de experiências! Algumas destas partilhas passam a integrar as histórias que conto, pois acredito que a inclusão das experiências dos ouvintes pode enriquecer o que está sendo narrado, aproximando ainda mais o contador da plateia.

Pensando em como trabalhar com as interpéries e possibilitar um encontro significativo e acolhedor entre contador/ouvinte, creio que a utilização de músicas e pausas podem ajudar a melhorar esteticamente a paisagem sonora, lidando agradavelmente com a dispersão dos ouvintes, pois conforme Breton (2016):

O som é mais enigmático que a imagem, já que ele se dá no tempo e no fugaz, aí aonde a visão permanece impassível e explorável. Para identificá-lo é necessário permanecer na escuta e ele não se renova permanentemente, e desaparece no exato instante em que é ouvido. O pensamento encontra no som, isto é, na palavra, sua forma de maior expressão. O sentido se encarna primeiramente numa palavra dirigida ao outro e o ouvido é depositário da linguagem. É o sentido unificador do vínculo social enquanto ouve a voz humana e recolhe a palavra do outro. (Breton, 2016, p.130)

Até agora discorri sobre a utilização de músicas durante as contações, portanto acredito ser importante esclarecer, de forma simples, o que é música. Conforme Schafer (2011), *música é uma organização de sons (ritmo, melodia etc) com a intenção de ser ouvida.*

Creio que para rompermos as barreiras impostas pelas interpéries da nova paisagem sonora do mundo moderno durante as contações, as músicas possibilitam e intervêm de maneira positiva, pois constroem uma relação agradável entre contador/ouvinte.

INTERAÇÕES ENTRE HISTÓRIAS, MÚSICAS, CONTADOR, OUVINTE

A decisão por esta linha de pesquisa foi determinada pela observação de que as crianças apresentam índices significativamente maiores de interação em histórias que exibem músicas em suas estruturas. De acordo com Breton (2016):

O som proferido em comum propicia um sentimento de forte pertença, o de falar uma única voz. A multidão escande os mesmos hinos, os mesmos slogans, ela se fortifica da prenhez das estimulações sonoras. Ela torna solidário o mundo aí aonde a visão o mantém à distância, como num palco. A audição penetra para além do olhar, ela imprime um relevo aos contornos dos acontecimentos, povoa o mundo com uma soma inesgotável de presenças, habita as existências defraudadas. A audição introduz uma sucessão, um ritmo, que abre espaço à expectativa ou à fugacidade; ela se trama no escoamento do tempo. O som se apaga ao mesmo tempo em que se deixa ouvir, ele existe no efêmero. Uma palavra, um som, uma música, possuem culturalmente um poder de transformação do real, se usados segundo as formas propícias ao momento. (Breton, 2016, p. 133, p. 134 e p. 186)

Ainda que a utilização de músicas em histórias pareça trivial, cada experiência exerce um diferente impacto e resulta em novas reações dos ouvintes pois, conforme Schafer (2011), *ouvir música é uma experiência pessoal.* Portanto, acredito que o contador precisa ter percepção, reflexão e habilidade para trabalhar com as reações dos ouvintes, enriquecendo suas histórias a cada contação. Penso que a música pode integrar cada história de uma forma peculiar

ao lembrar e emocionar cada pessoa. A primeira emoção é sempre a do contador, mas quando compartilhada com os ouvintes, muitas vezes ela se modifica! Segundo Breton (2016):

Os sons são associados à afetividade e a uma significação que os filtra, descartando uns e privilegiando outros, salvaguardando assim a distração ou a concentração do indivíduo. A audição é o sentido da interioridade, ela traz o mundo para o centro do indivíduo, aí aonde a visão o projeta para fora. (Breton, 2016, p.135 e p. 136)

As plateias para as quais conto histórias são compostas, em média, de duzentos e cinquenta crianças, com faixa etária entre seis e dez anos, todas sentadas num pátio de escola. Durante as contações há muitos barulhos e ruídos ambientais (interpéries do mundo moderno) como também a dispersão da plateia devido ao grande número de ouvintes. A utilização de músicas possibilita melhorar a paisagem sonora, ajudando os ouvintes a não perderem o fio da narrativa.

Acredito que, desta maneira, o trabalho do contador está em constante processo, sendo necessário revisá-lo e aperfeiçoá-lo por meio de observações, pesquisas e experimentações, tendo em mente que uma história bem contada deixa uma memória afetiva para os ouvintes. E este é um exercício de longo prazo e exige preparação, técnica, emoção e repertório, pois conforme Sisto (2007):

As palavras contadas adquirem um aspecto melódico, rítmico, visual; trazem no jeito que foram ditas uma concretude que faz o outro ver o que se narra. As palavras contadas surgem preñhes de intenção, força e emoção. Nenhum contar é definitivo, pronto e acabado. Toda história contada oralmente é antes de tudo, uma obra em processo, que precisa do outro para ser completada. (Sisto, 2007, p. 2 e p. 3)

Penso, portanto, que a interação entre contador/ouvinte é sempre renovada, pois cada plateia tem reações e interações diferentes. Nesta geração, na qual as relações interpessoais estão mais distantes a cada dia, o contador tem um papel importante no resgate da importância da confraternização entre as pessoas.

CONCLUSÃO

De acordo com o que foi apresentado brevemente no decorrer deste artigo penso que, para enriquecermos as contações, podemos nos utilizar de músicas

e pausas como um caminho para melhorar a paisagem sonora, minimizando as interpéries do mundo moderno (barulhos e ruídos ambientais indiscriminados).

Estes recursos também figuram como possibilidades importantes para que os ouvintes não percam o fio da narrativa, portanto acredito que não devam ser utilizados aleatoriamente, servindo como simples floreios, eles precisam se comunicar e ser parte integrante da história. Para isso, precisam ser bem pensados e utilizados de forma adequada para enriquecer a narrativa, já que a protagonista é a história.

Vejo alguns contadores se utilizarem de frases prontas para que as crianças fiquem em silêncio, tal como: pegue a chavinha, tranque a boquinha e jogue a chavinha fora: Shhh! Silêncio, a história vai começar. Com tantos recursos disponíveis, acredito que todo contador tem opções mais interessantes.

Não coloco ponto final nesta pesquisa, pois a cada contação percebo que existem novas realidades, observações e possibilidades para enriquecer a relação entre contador/ouvinte, pois as plateias são diferenciadas. Conto histórias para plateias numerosas e, até a conclusão desta pesquisa, a utilização de músicas foi uma das maneiras que encontrei para melhorar a paisagem sonora e possibilitar abertura para a escuta atenta dos ouvintes, pois conforme Schafer (2011), *as palavras são invocações mágicas e podem refletir encantamentos, quando cantadas*.

Vamos, portanto, fazer das contações momentos festivos e importantes, utilizando músicas como uma possibilidade para melhorar a paisagem sonora, possibilitando abertura para a escuta atenta dos ouvintes. Cada narração deve ser uma comunhão, portanto é um trabalho em constante processo de revisão do contador consigo mesmo, com o ambiente e com os ouvintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACOMBE, Ana Luísa. **Quanta história numa história: relato de experiências de uma contadora de histórias.** 1. ed. – São Paulo: É realizações, 2015.

LE BRETON, Davi. **Antropologia dos sentidos.** Tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora.** Tradução Marisa Trench Fonterrada – 2.ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

_____. **O ouvido pensante.** Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal; revisão técnica de Aguinaldo José Gonçalves. – 2.ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** – 22.ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

SISTO, Celso. **Contar histórias, uma arte maior.**
<https://docgo.org/contar-historias-P0rVn5G>. Acesso em: 08 nov 17.